

ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE PERSUAÇÃO EM UM DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Luciana Martins Arruda (UFMG)¹

Antônio Augusto Moreira de Faria (UFMG)²

Introdução

Este artigo tem como objetivo principal investigar o funcionamento intra e interdiscursivo de estratégias linguísticas empregadas para persuasão ideológica em um discurso jornalístico sobre educação profissional ferroviária. O termo ideologia é definido por Fiorin (2007, p. 28) como “o conjunto de ideias e de representações sociais que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens”.

Destacamos a seleção lexical como sendo um elemento desencadeador dos demais aspectos linguísticos a serem investigados como, por exemplo, os temas e os personagens, a localização espacial e temporal, os explícitos e implícitos. O conceito de discurso que estamos adotando é o proposto por Fiorin (1989, p. 31), segundo o qual: “o discurso é um conjunto situado no plano de conteúdo [que] precisa unir-se a um plano de expressão para manifestar-se. Quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto.” Nesse sentido, o discurso é visto como uma prática social de produção de textos. Isso significa dizer que todo discurso é uma construção social e não individual. O autor defende a ideia de que cada discurso apresenta uma estrutura organizacional própria e, portanto, não se resume a um amontoado de frases.

O discurso jornalístico que iremos analisar corresponde a um texto publicado na revista *História Viva – Coleção Caminhos do Trem*, no ano de 2008, intitulado: “Ferroviário, uma profissão do futuro”. Trata-se de um texto híbrido: parcialmente verbal e parcialmente fotográfico, composto de cinco páginas³.

A escolha do tema, educação profissional ferroviária, está ligada às pesquisas acadêmicas que estamos desenvolvendo no momento. Além do mais, a maioria das pessoas desconhece que o ensino técnico no Brasil teve início na segunda metade do século XIX e se desenvolveu a partir de pequenas oficinas ferroviárias, instaladas ao longo das ferrovias, com o objetivo de suprir a carência de mão de obra especializada, de peças e de equipamentos. Com o passar do tempo, essas oficinas foram transformadas em escolas e, no início dos anos 70, algumas delas passaram a ser chamadas de Centros de Formação Profissional. Essas transformações influenciaram um vasto conjunto de instituições, das quais o SENAI é um entre vários exemplos.

Contrastando com a educação profissional vigente nos primórdios do século XX, que culminava com uma “carta de ofício” não dando direito ao aluno concluinte de prosseguir seus estudos, atualmente o ensino técnico permite ao concluinte prosseguir seus estudos em nível superior. Hoje, existem vários cursos de pós-graduação destinados ao setor ferroviário ministrados em diversas instituições de ensino do país, como nos Cefetes (Centros Federais de Educação Tecnológica).

Feitas essas considerações passaremos à discussão dos fundamentos teóricos utilizados para a análise do discurso jornalístico supracitado.

1. Fundamentação teórica

Para os analistas do discurso existe uma espécie de contrato discursivo firmado entre o *enunciador*, que pode ser o autor do texto ou não, e o *enunciário*, neste caso o leitor da revista, por se tratar de um discurso jornalístico. Esse contrato se realiza por meio de estratégias linguísticas discursivas articuladas em dois planos: o do *enunciado ou enuncivo* (o texto) e o da *enuniação ou enunciativo* (conjunto de operações constitutivas de um enunciado, cf. MAINGUENEAU, 2004).

No que se refere ao texto “Ferroviário, uma profissão do futuro”, no *plano do enunciado* observamos a presença de um discurso educacional explícito, o da formação profissional ferroviária, e de um discurso empresarial implícito. Isso ocorre quando a jornalista e enunciativa principal, Aryane Cararo, seleciona três personagens e funcionários da *Vale S.A.*: um ferroviário, um engenheiro e uma analista de Recursos

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso. E-mail: lulucaarruda@ig.com.br

² Professor Doutor da Faculdade de Letras. E-mail: aamf@ufmg.br

³ Devido ao número de páginas não foi possível anexar o discurso analisado.

Humanos para mostrar os investimentos realizados pela Empresa no setor ferroviário e na formação de bons profissionais, como mostra o trecho abaixo.

(1) De acordo com a analista de Recursos Humanos Rachel Pessoa, da Vale, há três iniciativas apoiadas pela empresa na formação de técnicos em ferrovias: o convênio com os Cefetes, a parceria com o Senai desde 1983 (são três meses de aulas teóricas com instrutores da Vale e de seis meses a um ano de atividade prática), e o próprio CELF, que mantém cursos regulares de capacitação para os funcionários da companhia. ‘Mesmo sendo técnicos, eles ainda não estão prontos para o mercado’, explica ela.

Nele, a jornalista inicia seu discurso referindo-se à analista de Recursos Humanos, Rachel Pessoa, para explicar ao seu enunciatório quais são as três iniciativas apoiadas pela *Vale* na formação de novos técnicos ferroviários. Ao fazer isso, ela explicita as três instituições responsáveis por essa formação, duas delas são federais: os Cefetes e o Senai, e uma delas é particular: o CELF – mantido pela própria empresa. Implicitamente, podemos identificar que a *Vale* mostra-se empenhada em oferecer, regularmente, cursos de capacitação aos seus funcionários. Em seguida, para dar mais credibilidade ao seu discurso, ela reproduz um trecho da fala da analista: “*Mesmo sendo técnicos, eles ainda não estão prontos para o mercado*”. Essa fala complementa a informação que fornecemos anteriormente, a de que hoje os ferroviários não estão mais limitados a uma formação técnica porque o mercado de trabalho requer profissionais cada vez mais capacitados e a *Vale* investe nisso.

No plano da enunciação temos a presença de um discurso jornalístico, por ser um texto veiculado em uma revista de circulação nacional, a revista *História Viva – Coleção Caminhos do Trem*. Essa é uma edição especial destinada a leitores específicos, geralmente, historiadores, empresários e trabalhadores do setor ferroviário.

Associados a esses dois planos discursivos, temos dois níveis informacionais: o *intradiscurso* – conjunto de textos que manifestam um discurso, e o *interdiscurso* – relação explícita ou implícita com outros discursos circulantes seja de oposição, seja de afinidade (FARIA, 2009). Conforme Maingueneau (1997, p. 112), “*o intradiscurso opõe-se ao interdiscurso como as relações entre os constituintes do discurso opõem-se às relações desse discurso com outros. (...) o intradiscurso é atravessado pelo interdiscurso*”. A prova disso é que, no intradiscurso, além da temática da educação profissional ferroviária, surgem outros temas secundários relacionados aos personagens discursivos, como os identificados nos trechos (2) e (3):

(2) Aos 19 anos, Bruno não conhecia muito da profissão. “Achava que era simples: só ir para frente, para trás, apita aqui, buzina ali.” Aprovado no concurso, o rapaz descobriu em oito meses de um curso no Senai, em parceria com a Vale, que aquela imagem da maria-fumaça tinha ficado no passado. “Fui vendo toda a tecnologia e estrutura de operação e percebi que é um negócio totalmente tecnológico”, comenta. Na hierarquia ferroviária, o cargo de maquinista até então era destinado aos manobreiros dos pátios ou auxiliares de maquinista, num processo que poderia durar mais de dez anos de ascensão. Porém, a necessidade fez com que jovens daquela turma de recém-contratados fossem para a boléia dos trens decorrido somente um ano do início no curso do Senai.

Ele inicia-se com a jornalista narrando o período em que Bruno (ferroviário e empregado da *Vale*) era adolescente, situando o seu enunciatório numa localização temporal, “aos 19 anos”. No discurso dele, surgem duas temáticas: a da falta de conhecimento sobre o processo operacional de um trem e a da tecnologia.

A falta de conhecimento de Bruno com relação ao processo operacional de um trem fica evidente quando ele narra: “*Achava que era simples: só ir para frente, para trás, apita aqui, buzina ali*”. Porém, quando ele é aprovado no concurso, informação explícita, que aparece subtendido com sendo o da *Vale*, informação implícita, a sua situação muda.

Após oito meses (localização temporal) frequentando o curso do Senai, ele descobre que o sistema operacional de um trem não é tão simples o quanto parece, pois existe toda uma estrutura tecnológica por trás, “*Fui vendo toda a tecnologia e estrutura de operação e percebi que é um negócio totalmente tecnológico*”. O substantivo “tecnologia” e o adjetivo “tecnológico” podem ser analisados como vocábulos utilizados por Bruno como um sinônimo de modernidade, isto é, um avanço vivenciado pelo setor ferroviário no que diz respeito ao seu modo operacional.

O discurso da jornalista revela, implicitamente, a temática da carência de mão de obra especializada. Segundo ela, “*a necessidade fez com que jovens daquela turma de recém-contratados fossem para a boléia dos trens decorrido somente um ano do início no curso do Senai*”.

(3) “Perguntam se a maria-fumaça ainda existe e se o trem é de passageiros. Quase ninguém sabe que 30% do PIB brasileiro é carregado por nós”, diz Bruno, referindo-se às cargas de minérios, grãos e outros produtos.

Nesse trecho do discurso podemos constatar duas relações interdiscursivas. A primeira delas é a referência explícita feita ao trem: uma maria-fumaça ou um meio de transporte usado para conduzir passageiros, conforme ocorria no passado. A segunda é a temática implícita da economia, constatada pelo emprego da expressão “PIB brasileiro” (Produto Interno Bruto). Ela é utilizada frequentemente pelos economistas e representa a soma do valor de todos os bens e serviços produzidos em uma região, cidade, estado ou país em um período determinado.⁴

Cabe destacar que, em algumas situações, o termo *interdiscurso* pode aparecer sob a forma de diversos nomes – polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade – cada um implicando um viés específico (POSSENTI, 2009, p. 153).

No próximo item, abordaremos a seleção lexical presente no intradiscurso.

2. A seleção lexical

A *seleção lexical* é a estratégia discursiva mais básica do intradiscurso e constitui-se num elemento semântico de análise. Ela consiste na escolha do vocabulário, na sua disposição textual e no emprego de determinadas figuras de linguagem (ex. hipérboles, metáforas, ironias, metonímias).

(4) “Quando era criança, na casa do meu avô, escutava o trem passando e ficava doido para vê-lo, porque balançava tudo. Mas só escutava a buzina”, lembra.

Aqui, o ferroviário narra que o seu fascínio por trens é algo muito antigo, pois desde criança ele já gostava de escutar o trem passado, apesar de não poder vê-lo. Para demonstrar a grandeza desse fascínio, ele utiliza expressões hiperbólicas, como “*ficava doido para vê-lo*” e “*balançava tudo*”.

(5) Houve um tempo em que ser ferroviário era motivo de orgulho e de prestígio social. Por onde o trem corria, alimentava o sonho de crianças que olhavam naquele aparato de ferro o seu futuro profissional. Quando grandes, a boa remuneração fazia com que os sonhos de criança virassem realidade em um dos quadros das várias empresas ferroviárias do país. Tudo isso parece a descrição de um passado muito distante, mas pode estar mais atual do que nunca. A profissão que decaiu na década de 60, junto com as estradas de ferro do Brasil, voltou com tudo nos últimos dez anos e ainda faz garotos estufar o peito para exclamar: “Sou maquinista”.

Nesse trecho do discurso, podemos observar a existência de uma estrutura temporal típica de textos narrativos “*Houve um tempo em que...*”, com o uso do pretérito perfeito. A jornalista utiliza essa estratégia para se referir ao passado, mais especificamente a segunda metade do século XIX e início do século XX, época em que “*ser ferroviário era motivo de orgulho e de prestígio social*”.

Em seguida, temos o enunciado: “*Por onde o trem corria, alimentava os sonhos de crianças que olhavam naquele aparato de ferro o seu futuro profissional*”, no qual percebemos a existência das metáforas “trem que corria” e “trem que alimentava o sonho de crianças”, usadas para mostrar o fascínio que esse meio de transporte e de lazer exercia sobre as pessoas no passado. Nesse contexto, o “trem” é um objeto que assume a conotação de um ser que possui “vida própria”, pois ele realiza ações humanas “corre e alimenta”.

Além das figuras de linguagem, também fazem parte da seleção lexical o uso de substantivos, adjetivos, verbos, vocativos etc. Nos dados analisados, destacamos o emprego de outros substantivos e adjetivos utilizados como estratégias de persuasão.

⁴ Informações retiradas do site http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/pib/produto-interno-bruto-pib.shtml, acessado em 23/12/2009.

No trecho abaixo, o substantivo “pioneirismo” foi usado para fazer referência ao processo de formação profissional iniciado pelas ferrovias que, aos poucos se expandiu, e deu origem a diversos centros de formação:

(6) O pioneirismo das ferrovias na formação profissional serviu de modelo, inclusive, para a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, referência internacional na educação profissionalizante.

O SENAI iniciou suas atividades a partir da extinção do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção profissional (CEFESP), criado em 1934. O CEFESP representou um momento de expansão do ensino profissional ferroviário para o país porque permitiu o acesso de outros estados, situados fora de São Paulo, à educação (CUNHA, 2000).

O adjetivo “promissoras” foi empregado pela jornalista para tentar convencer o leitor de que ser ferroviário já é “a profissão do futuro”. Com o objetivo de tornar os seus argumentos mais consistentes e dar mais credibilidade ao seu discurso, ela reproduz outro trecho da fala da analista de Recursos Humanos:

(7) Segundo Rachel, as perspectivas profissionais são mais que promissoras. “Se eu fosse dar um conselho, diria ‘faça um curso técnico, porque a demanda é grande’. A ferrovia já é a profissão do futuro”, resume. E caso encerrado.

Rachel apresenta o seu ponto de vista na forma de um conselho: “*Se eu fosse dar um conselho, diria ‘faça um curso técnico, porque a demanda é grande’*”. Este conselho, inicialmente, apresenta-se como uma situação hipotética, “*Se eu fosse dar um conselho, diria*” (modo subjuntivo) mas, depois, assume o caráter de uma ordem, “*faça um curso técnico, porque a demanda é grande*” (modo imperativo afirmativo).

A seleção lexical ainda possibilita, explícita ou implicitamente, o desenvolvimento de outras quatro estratégias ou aspectos linguísticos: a delimitação de temas, a mobilização de personagens, a identificação dos espaços e a localização temporal.

1) A delimitação dos temas:

O discurso apresenta um tema central: o da educação/capacitação ferroviária oferecido, principalmente, pela *Vale* acrescido das vantagens da profissão. Também podemos identificar, no intradiscurso, alguns temas secundários como os investimentos tecnológicos no setor (ex. centros de formação e equipamentos), tempo de capacitação, carência de profissionais especializados, mercado de trabalho promissor, dentre outros.

2) A mobilização de personagens

Conforme já mencionamos, a jornalista e enunciativa principal constrói o seu texto com base no discurso reportado de três personagens que são funcionários da *Vale*.

O primeiro deles é o ferroviário Bruno que conta a sua história de vida, incluindo a sensação de dirigir uma locomotiva pela primeira vez, e o seu fascínio por trens. Os temas que surgem associados a ele são: a formação profissional, o aparato tecnológico fornecido pela Empresa e a satisfação com a carreira escolhida.

O segundo é o engenheiro supervisor do Centro de Excelência em Logística Ferroviária (CELLF), Ricardo Penna de Azevedo Filho, que explica o modo como os profissionais são instruídos, os equipamentos utilizados para acelerar e melhorar o processo de capacitação, como mostra o trecho a seguir:

(8) “Este software ensina a melhor forma de operar o trem e, por isso, fazemos também simulações de emergências, como carros ou pessoas na linha, perda de um motor ou o aviso, pelo rádio, de que houve um acidente mais à frente”, informa o engenheiro Ricardo Penna de Azevedo Filho, supervisor do Centro de Excelência em Logística Ferroviária – CELLF, que a *Vale* mantém dentro de suas instalações.

No discurso dele, observamos a temática do ensino profissional moderno e tecnológico. Isso porque a capacitação dos profissionais é feita por meio da utilização de equipamentos modernos e variados, como, por exemplo, o uso de “softwares”, para simular situações de emergência, e de “rádios”, para a comunicação de acidentes, veiculados por meio de informações explícitas. Porém, implicitamente, podemos observar que esses equipamentos não são usados apenas para melhorar o processo de capacitação, mas para acelerá-lo e

reduzir o número de acidentes causados pela “falha humana”. Logo, os temas que surgem associados a esse personagem são: o aparato tecnológico e a prevenção de acidentes.

O terceiro personagem é a Analista de Recursos Humanos, Rachel pessoa, que explica os investimentos realizados pela Empresa no setor ferroviário para qualificar profissionais, diminuir acidentes, otimizar o transporte, reduzir prejuízos e convencer o seu enunciatário a fazer um curso técnico e a investir na profissão. Associados a ela, surgem temas como: as iniciativas da *Vale* em firmar convênios com outras instituições e a importância de um profissional qualificado para o mercado de trabalho.

3) A identificação dos espaços

O espaço mais amplo, que aparece no discurso jornalístico, é o da *Vale*. Inserido nele estão outros mais restritos como: o do departamento de RH, o das salas de aula, o da cabine de simulação e o das locomotivas. Esses são os espaços físicos ocupados pelos personagens acima mencionados. Mas, não podemos nos esquecer do espaço ocupado pelo discurso jornalístico na revista, cinco páginas.

4) A localização temporal

O discurso apresenta-se, prioritariamente, no presente e no passado. Os verbos que indicam uma proximidade maior com o momento presente foram selecionados para falar da expansão tecnológica atual vivenciada pelo setor ferroviário. Já os verbos que fazem referência ao passado foram selecionados para enfatizar e chamar a atenção do leitor para o fato de que a profissão de ferroviário não está extinta no Brasil e para narrar a história de vida pessoal e profissional do ferroviário da *Vale*.

Em suma, nos discursos dos trechos analisados podemos observar a presença constante da jornalista através do uso de verbos como: “*conta* ele”, “*lembra*”, “*comenta*”, “*diz* Bruno”, “*informa* o engenheiro”, “*explica* ela”, “*resume*”. Explicitamente, todos esses verbos foram usados no presente o que nos faz concluir, implicitamente, que ela entrevistou todos esses profissionais antes de escrever esse discurso jornalístico.

Considerações finais

Nesse artigo, analisamos as estratégias linguísticas discursivas presentes no texto “Ferroviário, uma profissão do futuro” e identificamos o aparecimento de três personagens e funcionários da *Vale*: um ferroviário, um engenheiro e uma analista de RH. Todos eles tiveram trechos de suas falas reportados no texto escrito pela jornalista e enunciativa primeira, Aryane Cararo. Ela defende, implicitamente, o discurso da Empresa e tenta convencer e persuadir o seu enunciatário (o leitor da revista) de que “vale a pena investir na profissão de ferroviário”, tese defendida por ela e pela *Vale*.

Enfim, para alcançar o objetivo proposto, o de investigar o funcionamento intra e interdiscursivo de estratégias linguísticas empregadas para persuasão ideológica em um discurso jornalístico sobre educação profissional ferroviária, adotamos como referencial teórico as contribuições da Análise Linguística do Discurso, dando ênfase ao estudo da seleção lexical.

Referências

CARARO, Aryane. Ferroviário, uma profissão do futuro. *História Viva - Caminhos do trem*. 5. ed., 2008, p. 62-66.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização*. São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. Aspectos de um discurso empresarial. In. CARRIERI, A. P. *et alli* (Orgs.). *Análise do discurso em discursos organizacionais*. Ed. Juruá: Curitiba, 2009, p. 45-52.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto & Edusp, 1997 [1989].

_____. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. Enunciação. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Orgs.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004 [2002].

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/pib/produto-interno-bruto-pib.shtml